

RABISCOS DE UM ESCRIVINADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

177. DO JORNAL AO LIVRO

Há alguns anos, quando lecionava no curso de pós-graduação da Escola Casper Libero, em São Paulo, tive oportunidade de sugerir aos meus alunos uma pesquisa que visasse a um levantamento dos livros que resultaram de artigos publicados primeiramente em jornais. Infelizmente, por motivos diversos, não houve possibilidade de a sugestão ser atendida por qualquer aluno. E como, pouco depois, eu deixei a Escola, foi o assunto posto de lado à espera de uma oportunidade mais propícia... que ainda não ocorreu. Mas, o tema continua me tentando e não fora outra a diretriz dada aos meus trabalhos, eu mesmo nele trabalharia.

Pois bem: há poucas semanas o conhecido jornalista J. Pereira, meu confrade da Academia Paulista de Jornalismo e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, numa das sessões desta última entidade, lembrou a passagem dos 170 anos do “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, e enquanto ouvia sua explanação acerca do que representou o velho órgão da imprensa fluminense no panorama do jornalismo brasileiro, veio-me à mente a importância do grande jornal como fonte para a pesquisa histórica no Brasil. De fato, mais que em qualquer outro jornal, nele se sente a transição jornal/livro, a que de início me referi.

Os leitores mais idosos certamente se lembram do tempo em que as edições dominicais do “Jornal do Comércio” continham cinco ou seis páginas exclusivamente de colaboração sobre os mais diversos assuntos. E numa época em que o grande jornal era dirigido por membros da Academia Brasileira de Letras (Felix Pacheco e Vítor Viana, por exemplo) servia ele como que de órgão oficial da Academia, publicando na íntegra todos os discursos de posse e recepção proferidos nas sessões solenes de ingresso de algum novo acadêmico.

E me lembrei igualmente dos numerosos livros, cuja matéria fora primeiramente publicada no “jornal do Comércio”. Cito,

particularmente, o caso do grande historiador Afonso de Taunay, bem conhecido, pois dele cuidei em livro publicado por ocasião de seu centenário. Afonso de Taunay colaborou no “Jornal do Comércio” com um longo artigo semanal, durante 35 anos! E nada menos de quinze livros de sua imensa “bagagem” foram formados por artigos publicados pelo velho jornal, conforme o autor honestamente declara nos respectivos prefácios. Citaria um só deles: o alentado estudo, em dois volumes, sobre Bartolomeu de Gusmão, o chamado “Padre Voador”.

Este exemplo de Taunay talvez seja o mais expressivo de toda a imprensa brasileira, mas está longe de ser o único. Uma pesquisa cuidadosa, que conviria fosse feita, revelaria inúmeros exemplos, com relação a diversos jornais de todo o Brasil. (18-11-1987)

*

178. AS MEMÓRIAS DE DANTE DE LAYTANO

Quando recebi o último catálogo do prezado amigo Martins, conhecido editor de Porto Alegre e nele vi anunciado **Mar absoluto de memórias**, de Dante de Laytano, não pestanejei: encomendei-o imediatamente pelo reembolso postal. E assim que chegou, também não tive dúvida: pús-me logo a lê-lo, embora para isto precisasse deixar de lado enorme pilha de livros aguardando vez. Mas... quem há de resistir a um livro de memórias de Dante de Laytano? Não há quem nele não veja uma das mais expressivas figuras da intelectualidade sul-riograndense. Historiador, folclorista, jornalista, apresenta belíssima folha de serviços à cultura de seu Estado, para o qual sempre viveu e do qual sempre soube fazer-se intérprete.

Todavia, seu gauchismo não o impediu de projetar-se por todo o País, como o demonstram estas suas memórias. Aliás, pela sua vivência, pela sua incrível capacidade de relacionamento, pela simpatia que sempre soube transmitir, estava realmente o escritor gaúcho em condições de nos legar obra deveras notável de nossa memorialística. Livro mais dos outros que dele próprio, embora tratando dos outros tivesse que falar de si. Se já não existissem as **Minhas Memórias dos Outros**, do campineiro Rodrigo Otávio, Dante do Laytano bem poderia ter dado esse título ao seu livro.

Que galeria de figuras expressivas! Com quanta gente conviveu (ou ainda convive) o escritor gaúcho! E não só de seu Rio Grande, mas do Brasil todo, que por todo ele andou e por toda parte fez amigos. E ainda fora do País, com páginas expressivas sobre escritores portugueses do naipe de Júlio Dantas, Fidelino de Figueiredo, Jaime Cortesão, Mendes Correia, entre outros. Se não há cidade riograndense que não esteja representada

em sua galeria, o mesmo se poderá dizer dos Estados brasileiros, pois pelo Brasil todo se faz presente a sua “caudalosa existência”, para empregar a expressão utilizada pelo prefaciador do livro. E é este mesmo prefaciador quem, ainda, nos adverte que Dante de Laytano “não é apenas um homem: é uma época e uma instituição, do Rio Grande”, pois é daqueles raros “que semeiam confiança e ainda têm na sua plenitude e na sua beleza, a ousadia de viver”.

Em **Mar absoluto de memórias** a terra paulista está representada por páginas magníficas sobre Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Lourenço Filho, Sérgio Buarque de Holanda, José Carlos de Macedo Soares, Antônio de Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Menotti Del Picchia, Francisco Pati e Alceu Maynard Araujo, todos eles figuras do convívio de Dante de Laytano, e delas guardou excelentes recordações. Ao muito que já escreveu sobre a história, a sociologia, a literatura, o folclore e a economia de seu torrão natal, junta-se agora este esplêndido livro que não é apenas gaúcho mas também brasileiro. (6-4-1988)

*

179. A PROPÓSITO DA “CAMPINIANA”

Há poucas semanas, esta folha ocupou-se amplamente da nova coleção “Campiniana”, cujo primeiro volume vem de ser publicado pelo Centro de Memória da UNICAMP. Apresentando-o, escreveu o Professor Amaral Lapa que a coleção “tem uma origem e uma história” e acrescentou que “a idéia já percorreu um caminho e passou possivelmente por mais de uma tentativa”. Não julgou necessário o querido amigo e mestre da UNICAMP dizer alguma coisa sobre a origem, a história e o caminho da idéia que, depois de quinze anos, conseguiu vingar para alegria nossa e real satisfação dos interessados na cultura campinense.

A idéia remonta ao bicentenário da cidade, quando, por designação de Lauro Péricles Gonçalves, então prefeito municipal, foi constituída uma Comissão de Publicações, que teve a honra de presidir e que contou com a indispensável colaboração, entre outros, do Professor Amaral Lapa. Numa das primeiras reuniões da Comissão, tive o privilégio de lançar a idéia da “Campiniana”. Apenas não criei o nome. Mas, apresentei a sugestão, por todos aceita, de uma coleção de obras sobre Campinas, não apenas para atender à efeméride que então se comemorava, mas que se revestisse de caráter permanente e pudesse todos os anos ser acrescida de novos volumes, selecionados por uma comissão que para tal fosse designada. Pensou-se não só em obras originais, mas igualmente na reedição de velhos textos sobre Campinas. Coube a Celso Maria de Melo

Pupo, um dos integrantes da Comissão, propor o nome “Campiniana” para a planejada coleção. Infelizmente, ficou tudo “no tinteiro”. Circunstâncias que não vêm a pelo mencionar, tornaram nulos os demorados e cuidadosos trabalhos da Comissão. Alguns anos depois, em três artigos que publiquei nesta mesma folha (dias 6, 13 e 20 de maio de 1977), aos quais intitulei “Por que não uma ‘Campiniana?’”, “Sonho de uma noite de verão” e “Acordando para a realidade”, relatei pormenorizadamente a origem, a história e o caminho da sonhada coleção. Mas, tudo continuou na mesma.

Passou-se o tempo e Amaral Lapa, com o apoio da Reitoria da UNICAMP, teve a feliz idéia de criar o “Centro de Memória”, hoje uma realidade, e no qual conta com valiosa equipe de pesquisadores, ligados ou não à Universidade Estadual, mas todos trabalhando em temas campineiros. Assim, encontrou ele condições de levar avante (talvez melhor “ressuscitar”...) a idéia da “Campiniana”, cujo primeiro volume, já se disse, vem de ser publicado (**Discriminações raciais**, de Cleber da Silva Maciel)* e mais uma meia dúzia já se encontra anunciada para breve publicação. Com a orientação segura de Amaral Lapa e o valor de sua equipe, podemos ter a garantia de que a “Campiniana”, com a qual um dia sonhamos, será não apenas uma realidade, mas uma realidade à altura de nossa cidade. (27-4-1988)

*

180. FERROVIAS FRUSTRADAS

Daria um livro, e até bastante volumoso, se alguém se dispusesse a escrever sobre os planos e projetos ferroviários no Brasil que “ficaram no papel”, sem o mais leve indício de realização. Uns, por serem mirabolantes, muito além das possibilidades econômicas do País; outros, por terem sido elaborados sem o menor atendimento às exigências técnicas requeridas; outros, por não encontrarem apoio por parte do poder público; outros, por não terem conseguido integralizar o capital necessário, outros, ainda, por terem sido vítimas de verdadeiras sabotagens, quase sempre ocultando intenções bastante duvidosas. Enfim, uma gama imensa de causas a explicar as numerosas frustrações. E isto, no País todo. Verifiquei alguns casos interessantes em São Paulo (que estudei mais particularmente), e também no Rio de Janeiro, em Minas, no Paraná e no Rio Grande do Sul. Mas, os exemplos repetem-se por todas as unidades da Federação, e isto desde os primórdios de nossa história ferroviária, em meados do século passado.

Acabo de tomar conhecimento de mais uma dessas ferrovias frustradas, desta vez em Santa Catarina. A terra barriga-verde nunca esteve

(*) Ver, sobre este livro, a seção “Registro Bibliográfico”, do presente número.

na minha “mira” ferroviária. Do Paraná saltei para o Rio Grande do Sul. O que foi pena, pois na terra catarinense ocorreram fatos similares, de um dos quais, vem de dar notícia, em pequeno, mas excelente livro, a Professora Sara Regina Silveira de Souza. Trata-se da “D. Pedro I Railway”, projetada pelo engenheiro Sebastião Antônio Rodrigues Braga, para ligar a cidade do Desterro (a atual Florianópolis) à capital da província do Rio Grande do Sul. O plano remota a 1857, mas a necessária concessão só foi conseguida em 1870. Todavia, a ferrovia jamais foi construída e ainda hoje é pouco citada na historiografia catarinense e praticamente ignorada na história ferroviária brasileira. O primeiro autor a cuidar dela foi o historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, em artigo de difícil acesso, pois publicado em revista de circulação restrita.

À vista disto, houve por bem a autora em retomar o assunto, ligado, segundo sua própria informação, a um projeto mais vasto que pretende abordar vários aspectos históricos da construção de ferrovias em Santa Catarina. Diversos e importantes documentos anexados ao livro esclarecem e fundamentam seu conteúdo, no sentido de mostrar a luta em que se empenhou o engenheiro Rodrigues Braga para levar avante seu empreendimento, frustrado inteiramente pelas mais diversas manobras por parte de pessoas interessadas e de muito mais prestígio na Corte. Com isto, “perderam Santa Catarina e Rio Grande do Sul um excelente meio para escoar sua produção e intensificar a colonização em diversas áreas do Sul”. Mais um capítulo — e dos mais importantes — de nossa frustração ferroviária. (1-6-1988).

*

181. UM MESTRE INESQUECÍVEL

Pela mesma época em que falecia no Rio de Janeiro o escritor Viana Moog, falecia em Porto Alegre outra expressiva figura da cultura sul-riograndense, que deixou brilhante folha de serviços ao seu Estado e, particularmente, à comunidade religiosa a que pertencia. Refiro-me ao pastor metodista Derly de Azevedo Chaves. Conheci-o há mais de meio século, quando o tive como professor no Granbery, o famoso educandário de Juiz de Fora. Derly Chaves, na época em que freqüentei o grande colégio, era diretor da Faculdade de Teologia, o mais importante seminário da comunidade metodista então existente no Brasil. Poucos anos depois de ter deixado o Granbery, a Faculdade de Teologia transferiu-se para São Paulo, encontrando-se atualmente instalada em Rudge Ramos, município de São Bernardo do Campo, onde se ergue verdadeira universidade (embora não tenha ainda este predicado), com numerosos cursos em um “campus”

magnificamente construído. Creio que Derly Chaves não chegou a acompanhar o “seu” seminário nessa transferência. Se a memória não me falha, quando ocorreu a mudança, o grande mestre (dos que mais influência exerceram em minha formação) voltou para o seu Rio Grande do Sul, onde viveu até completar sua jornada terrena, que alcançou mais de noventa janeiros.

Em seu Estado, além do pastorado eclesiástico, dedicou-se à política, tendo sido deputado na Assembléia Legislativa. Grande orador e excelente escritor, deixou obra significativa, embora pouco numerosa, sobretudo de edificação religiosa. Foi pena que, com a sua vivência, não escrevesse um livro de memórias. Ou melhor, escreveu, mas só da parte da infância, um livro primoroso, pleno de humanidade, significativamente intitulado **Guri também é gente**.

Do grande educador ocupei-me, embora ligeiramente, neste mesmo local, por ocasião do falecimento de sua esposa e companheira, Otilia de Oliveira Chaves, outra grande figura cuja vida foi uma lição contínua de humanidade e de experiência cristã. A Derly Chaves fiquei devendo muito de minha formação, já o disse. Sou-lhe grato por muita coisa. Contingências da vida — ele em Porto Alegre, eu em São Paulo e depois em Campinas — ficamos nem sei quantos anos sem nos encontrarmos. Visitei-o uma vez em Porto Alegre, quando ele dirigia o Museu Júlio de Castilhos, da capital gaúcha. Quando de minha posse na Academia Paulista de Letras, foi dele a mais bela e reconfortante mensagem que recebi. Por muitas e muitas coisas, jamais o esqueci nestes quase sessenta anos que nos separam do tempo em que fui seu aluno. Felizes os mestres que são lembrados pelos seus alunos e felizes, igualmente, os alunos que não esquecem os seus mestres. Aqui, pois, esta palavrinha de gratidão e de saudade ao grande professor. (30-3-1988)

*

182. “OLHANDO O PASSADO...”

Tomo para este “rabisco” o título do livro de Enéas Cezar Ferreira, advogado e antigo político que viveu algum tempo em Campinas e que no início deste mês teve o privilégio que poucos alcançam de comemorar seu próprio centenário. Jornal da Capital que dele se ocupou recordou sua carreira. Natural da vizinha Itatiba, formou-se primeiramente em Farmácia e depois em Direito, que foi, ao longo de sua vida, sua verdadeira vocação. Na Faculdade do Largo de São Francisco, que cursou de 1907 a 1911, teve destacada participação na vida acadêmica, pois foi presidente do “XI de Agosto”, a tradicional entidade que congrega os estudantes das

venerandas Arcadas. Apenas formado, veio para Campinas. Aqui constituiu família e dedicou-se à política, princípio como vereador e depois como deputado estadual pelo antigo Partido Republicano Paulista. Nesta função encontrou-o a Revolução de 1930, que extinguiu o Poder Legislativo. Mas, na época, já não mais vivia em Campinas, pois se transferira para a Capital.

Acrescenta a notícia do jornal paulistano uma série de particularidades de sua vida e seu trabalho, traços significativos de sua personalidade, inclusive no cotidiano, a sugerir o que teria a contar, “olhando o passado”, quem alcançou tão longa existência. Apenas uma lacuna: não faz a notícia sequer a mínima referência ao seu livro, talvez o único que publicou, e no qual Campinas está bastante presente, o que demonstra que, mesmo afastado da cidade, dela não se desligou, continuando por muito tempo a colaborar em seus jornais.

Olhando o Passado..., subtítulo **Saudades** (São Paulo, Obelisco, 1971), reúne, segundo declara o autor, “esparços produzidos em tarefas obrigatórias e sentimentais”, acrescentando que nele nada existe que não seja “pura expressão da verdade”, valendo, assim, como “verdadeiro depoimento”. Enfeixa mais de quarenta pequenos capítulos, na maior parte páginas ocasionais escritas a propósito de comemorações, ou discursos de mais variada natureza, desde o que proferiu em nossa Escola Normal sobre a data da Abolição, até o necrológio de Ramos de Azevedo, na Câmara dos Deputados. Muitas dessas páginas haviam sido primeiramente estampadas na imprensa diária de Campinas e de São Paulo.

A presença de Campinas em **Olhando o Passado** faz-se sentir através de notas sobre grandes figuras campineiras ou que aqui viveram: Antônio da Costa Carvalho, Heitor Penteadó, Francisco Glicério, Ramos de Azevedo, Antônio Benedito de Cerqueira César, Carlos Gomes, Francisco de Araújo Mascarenhas, Ernesto Kuhlmann, Omar Simões Magro, Paulo Pupo Nogueira, Quintino Maudonnet, Pelágio Lobo, Anibal Freitas e Antônio Franco Cardoso. O fato de ser o livro constituído de páginas circunstâncias não lhe tira o interesse. E a propósito dos cem anos do autor, creio que a melhor homenagem que se lhe poderá prestar é recordar seu livro, que teve pouca divulgação e ficou praticamente esquecido. (20-4-1988).